

## OBESIDADE E PRODUÇÃO DE ALIMENTOS NO BRASIL: UMA RELAÇÃO INTRÍNSECA?

**Eloyse Valéria da Silva**

Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Assistente Social vinculada a Residência Multiprofissional em Saúde com ênfase em Terapia Intensiva Adulto no Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL).

<http://lattes.cnpq.br/7867433666114952>

E-mail: [eloyseilva310@gmail.com](mailto:eloyseilva310@gmail.com)

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N1-07>

**RESUMO:** A obesidade é uma doença crônica de origem multifatorial caracterizada pelo acúmulo anormal ou excessivo de gordura corporal. Há aproximadamente três décadas vem atingindo milhões de pessoas em todo o mundo e é considerada um grave problema de saúde pública. Dito isto, o presente artigo aborda o problema da obesidade como uma expressão da questão social e a sua relação com a mudança no padrão de produção e consumo de alimentos no Brasil a partir da reestruturação produtiva do capital. Trata-se do recorte de um trabalho de conclusão de curso, o qual foi realizado por meio de uma intensa pesquisa e análise bibliográfica fundamentada no método crítico-dialético. As alterações nos modos de produção e consumo de alimentos iniciadas a partir da década de 1970 estão relacionadas com o surgimento de doenças crônicas, como é o caso da obesidade. O uso de agrotóxicos e a disseminação de alimentos ultraprocessados contribuem para o maior acometimento desta na população brasileira. Considerando o exposto, as formas sociais de produzir e consumir alimentos impactam diretamente no processo saúde-doença e podem condicionar os indivíduos a desenvolverem níveis de obesidade. Por isso, se torna imprescindível mais estudos que discutam essa correlação e estratégias de prevenção no interior das políticas públicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Obesidade. Questão Social. Saúde.

### OBESITY AND FOOD PRODUCTION IN BRAZIL: an intrinsic relationship?

**ABSTRACT:** Obesity is a chronic disease of multifactorial origin characterized by abnormal or excessive accumulation of body fat. For nearly three decades it has been reaching millions of people worldwide and is considered a serious public health problem. That said, this article addresses the problem of obesity as an expression of the social issue and its relationship with the change in the pattern of food production and consumption in Brazil from the productive restructuring of capital. This is an example of a course conclusion work, which was carried out through intense research and bibliographic analysis based on the critical-dialectical method. Changes in the modes of food production and consumption initiated from the 1970s are related to the emergence of chronic diseases, such as obesity. The use of pesticides and the spread of ultra-processed foods contribute to its greater involvement in the Brazilian population. Considering the above, the social ways of producing and consuming food directly impact the health-disease process and may condition individuals to develop obesity levels. Therefore, it is

essential to discuss more studies that discuss this correlation and prevention strategies within public policies.

**KEYWORDS:** Obesity. Social Issues. Health.

## INTRODUÇÃO

No âmbito da saúde coletiva a obesidade é compreendida como um agravo multifatorial, ou seja, resulta de vários fatores que são responsáveis pelo aumento excessivo de peso. Dito isto, é caracterizada como o acúmulo anormal ou excessivo de gordura corporal. Por ser um fator de risco para o acometimento de outras doenças, vem sendo considerada um grave problema de saúde pública.

Há cerca de três décadas vem ganhando notoriedade e sendo alvo de discussões e ações em nível internacional e nacional, diante dos seus altos índices nas populações. De acordo com dados recentes divulgados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) estima-se que no ano de 2025 cerca de 2,5 bilhões de adultos e 70 milhões de crianças apresentem sobrepeso e/ou obesidade.

Este artigo aborda o problema da obesidade em sua relação com a mudança no padrão de produção e consumo de alimentos no Brasil a partir da reestruturação produtiva da capital. Trata-se de um recorte da pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Serviço Social. O estudo teve como base metodológica a pesquisa qualitativa assentada no método crítico dialético. Para Minayo (1994, p. 24), as pesquisas qualitativas trabalham com a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana objetivada.

No intuito de contribuir com a discussão aqui apresentada foram utilizadas como aporte teórico as produções de diversos autores, dentre eles: Afiune (2020), Barros (2018), Carneiro (2015), Monteiro (2009), Souza (2011) e Vargas (2016).

Estruturalmente, o artigo apresenta duas seções: a primeira traz apontamentos sobre a produção de alimentos ao longo da história das sociedades e a mudança das formas de produzir e consumir alimentos no Brasil no processo de reestruturação produtiva do capital, enquanto a segunda traz os rebatimentos do consumo de alimentos ultraprocessados e sua relação com a obesidade, chamando a atenção para a nocividade destes alimentos à saúde da população brasileira.

## PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E SAÚDE: ASPECTOS HISTÓRICOS E POLÍTICOS

No decorrer da história humana, as formas de produzir e consumir alimentos necessários à sobrevivência se modificaram em conformidade com as mudanças ocorridas nas organizações e estruturas sociais. Nas comunidades primitivas se desenvolviam atividades de caça, pesca e coleta que serviam para alimentar a todas as pessoas. Com o desenvolvimento da agricultura, de técnicas e ferramentas, bem como com o aumento populacional, a produção de alimentos foi aumentando gradativamente e gerando quantidades excedentes ao consumo necessário, o que possibilitou posteriormente as trocas entre os grupos. Vargas e Silva (2016) apontam que neste período

As melhores terras foram sendo tomadas por aqueles que tinham mais poder, os que se apropriaram dos excedentes da produção da comunidade. Aqueles que tinham menos foram obrigados a trabalhar para quem tinha mais. Com isso, a sociedade tornou-se desigual e a propriedade da terra deixou de ser coletiva, passando a ser privada (VARGAS; SILVA, 2016, p. 26).

Nesse movimento histórico se consolida a sociedade feudal, a qual tinha como característica principal a existência de feudos, isto é, grandes propriedades de terras pertencentes aos senhores feudais. Com este tipo de organização social os camponeses (chamados de servos) cultivavam as terras e produziam alimentos para sustentar os senhores feudais, a nobreza e os membros da Igreja Católica.

[...] os trabalhadores das aldeias produziam não só a alimentação, mas praticamente tudo o que um feudo necessitava, como mesas, camas, casas, carroças e tantas outras coisas. Quase não havia circulação de dinheiro, já que havia pouco comércio entre os feudos. Por terem o conhecimento do solo, das sementes e dos animais e por saberem fabricar as próprias ferramentas, os servos camponeses puderam desenvolver ainda mais a agricultura e a pecuária, com a invenção do moinho, da charrua (arado com rodas), do adubamento e do descanso da terra (VARGAS; SILVA, 2016, p. 29).

Com o advento do capitalismo instaura-se uma nova forma de organização social e, conseqüentemente, uma nova forma de produzir e consumir alimentos. É importante destacar, a priori, que em sociedades anteriores existia uma diversidade de alimentos. Com o capitalismo, a produção de alimentos passa a ser baseada na monocultura, isto é, no cultivo de um só tipo de grão, semente, fruto, entre outros, sendo a produção destinada principalmente para a exportação, a qual visa o lucro. Demarca-se que o processo de

expropriação de terras fez com que milhares de trabalhadores rurais deixassem o campo para se tornarem trabalhadores assalariados nas grandes indústrias capitalistas de modo a garantir sua sobrevivência, já que não possuíam mais o domínio sobre suas terras.

A análise da relação entre a condição de saúde e a produção de alimentos no Brasil, bem como o aparecimento da obesidade enquanto doença crônica e um problema de saúde pública, pressupõe o resgate de elementos que marcaram o final do século XX, especificamente no início na década de 1970, pois nesse período houveram transformações nas formas de produção e acumulação do capital, as quais refletiram significativamente sobre a classe trabalhadora e conseqüentemente em suas condições de vida e também de saúde. A modernização conservadora da agricultura e, posteriormente, a mundialização do capital repercutiram negativamente no campo – na produção e consumo de alimentos.

A crise estrutural vivenciada pelo sistema capitalismo após o fim dos anos gloriosos o obrigou a realizar mudanças nos modos de produzir, reproduzir e acumular capital. O processo de reestruturação produtiva foi impulsionado pelo incremento de novas tecnologias e pelas políticas neoliberais adotadas pelos grandes estados-nações. Foi em razão das ações de liberalização, desregulamentação e privatização que o capitalismo, com um novo modus operandi, pôde se expandir e se consolidar a nível global.

O desenvolvimento da agricultura capitalista no Brasil ocorreu no período entre 1965 a 1985, com a derrota do movimento pela reforma agrária. O discurso político-econômico sobre o atraso no modelo de produção agrícola de até então fomentou a adoção de medidas que posteriormente resultaram na modernização conservadora da agricultura. Acerca do processo de modernização, Souza (2011) afirma que

[...] O modelo de modernização da estrutura agrícola ergueu-se sobre os alicerces de superação do modelo tradicional através da dinamização técnica da base produtiva. Toda a realidade social, produtiva e ambiental deveria estar preparada para a inserção dos equipamentos agrícolas modernos a exemplos dos tratores. Por isso, surgem possíveis projetos governamentais de desenvolvimento agrícola pautados na extensa mecanização, que inseriu um novo padrão técnico-produtivo sobre a agricultura distanciada das reais características de reprodução social e ambiental (SOUZA, 2011, p. 234).

Quanto às reais intenções de mudança no âmbito da agricultura, o mesmo autor sinaliza que ela mascarava a intencionalidade de aumento da lucratividade nas atividades da indústria de insumos e implementos agrícolas, como também ocultava a degradação socioeconômica e ambiental do campo brasileiro (SOUZA, 2011, p. 234-235).

Pode-se afirmar que a modernização da agricultura brasileira foi considerada conservadora pois embora tenha alterado a base técnica, não mexeu na estrutura fundiária existente. Viu-se que os grandes proprietários de terra se aliaram aos grandes empresários internacionais. Sobre esta questão, temos a análise de Barros (2018), a qual assinala que

Sob a hegemonia do capital financeiro, as empresas transnacionais concentram o controle da produção e do comércio de produtos agrícolas, principalmente a agroindústria de soja, milho, cana de açúcar e laticínios e o monocultivo de eucalipto para celulose e carvão (siderurgia). Esse controle favoreceu o aumento dos preços dos produtos agrícolas e dos insumos em âmbito mundial, obtendo lucros extraordinários e, conseqüentemente gerando a falência de pequenos e médios produtores locais que não conseguem produzir no mesmo padrão imposto pelas empresas capitalistas. A concentração da produção agrícola atinge um pequeno número de proprietários de terra articulados com as empresas (BARROS, 2018, p. 179).

Com base nas análises evidenciadas por esta autora, compreende-se que no cenário atual existem dois modelos de agricultura em disputa: o da agricultura camponesa e o do agronegócio. Este, ampliado pelo processo de mundialização do capital, tem gerado consequências graves, principalmente para a população de países em desenvolvimento como é o caso do Brasil. Observa-se o aumento do desemprego, a precarização das relações de trabalho, a miséria, o aparecimento de doenças, dentre outras coisas.

O agronegócio é responsável pela produção de commodities em larga escala para exportação. Se constitui de empresas transnacionais que dominam a produção agrícola com forte associação ao capital fundiários, representados pelas antigas oligarquias regionais, para produção de monocultura e utilizando relações de trabalho análoga à escravidão (SILVA, 2020, p. 46)

No âmbito da expansão do agronegócio temos a massiva utilização de agrotóxicos, os quais são substâncias e produtos – em sua maioria, químicos – usados na produção, armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas. Dados da Agência Nacional de



Vigilância Sanitária (ANVISA) mostram que o Brasil é o segundo maior comprador mundial de agrotóxicos. Foram cerca de 10 mil toneladas em 2018, e 12 mil em 2019.

Vale frisar que os produtos químicos são nocivos ao organismo humano e podem desencadear problemas a curto, médio e longo prazo. Além de trazer riscos à saúde humana, os agrotóxicos agridem o meio ambiente, pois podem afetar o habitat de algumas espécies animais e prejudicar o solo e os recursos hídricos.

Ademais, aliado a este novo modo de produção e consumo de alimentos encontra-se a incorporação dos alimentos ultraprocessados que se relaciona com o acometimento de doenças crônicas, como é o caso da obesidade, relação a qual iremos analisar em seguida.

## **ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS E SUA RELAÇÃO COM A OBESIDADE**

É a partir da década de 1990 que a indústria dos ultraprocessados ganha força no país, mediante os ajustes neoliberais implementados pelo governo brasileiro. No intuito de superar a crise econômica em que o país se encontrava, o governo adota como uma das estratégias a abertura da economia para o capital estrangeiro. Segundo Afiune (2020, p. 3), “a ideia era estimular novos negócios e atrair investimentos estrangeiros que ajudariam a recuperar a economia do país”.

Neste período, o mercado de ultraprocessados nos países industrializados se encontrava saturado, o que acabou impulsionando a expansão das grandes empresas para países em desenvolvimento – como é o caso do Brasil – pois do ponto de vista econômico, o investimento era rentável considerando o mercado já consolidado e o baixo custo de produção. Constatou-se que foi por meio de fusões e aquisições de empresas locais que as grandes empresas transnacionais passaram a dominar o setor de alimentos brasileiro.

Conforme relatório da Organização Panamericana de Saúde (OPAS) publicado no ano de 2019, as vendas de alimentos e bebidas ultraprocessados cresceram 8,3% entre 2009 e 2014 e aumentaram 9,2% de 2014 a 2019. Os alimentos ultraprocessados são as

[...] formulações industriais principalmente a base de substâncias extraídas ou derivadas de alimentos, além de aditivos e cosméticos que dão cor, sabor ou textura para tentar imitar os alimentos. Esses produtos

estão nutricionalmente desequilibrados. Contêm uma alta quantidade de açúcares livres, gorduras totais, gorduras saturadas e sódio; e uma baixa quantidade de proteína, fibra alimentar, minerais e vitaminas, em comparação com os produtos, pratos e comidas não processadas ou minimamente processadas (OPAS, 2019, p. 1).

O relatório anterior da mesma organização mostrou a correlação entre a venda e consumo de alimentos ultraprocessados com o aumento das taxas de sobrepeso e de obesidade. A OMS aponta que em 1975 o sobrepeso atingiu 27,5% da população adulta e em 2016 já correspondia a 56,5%, enquanto o IBGE, por meio da Pesquisa de Orçamentos Familiares, mostra que a disponibilidade calórica de ultraprocessados na dieta dos brasileiros foi de 12,6% para 18,4% entre os anos de 2002 a 2018.

Especialistas compreendem que as grandes empresas investem um montante considerável de recursos em pesquisas de mercado para conseguir identificar qual é a tendência e fabricar de acordo com elas, de modo a minimizar o risco de prejuízos. Afirmam que os produtos ultraprocessados atraem os consumidores pela rapidez e praticidade diante das rotinas diárias. Ademais, são atraentes pelo baixo preço. Para os especialistas em saúde e nutrição Monteiro e Castro (2009),

[...] O rápido crescimento mundial do consumo de alimentos ultraprocessados, amparado em sofisticadas estratégias de marketing desenvolvidas pelas indústrias multinacionais que controlam o setor, é uma das causas mais importantes da epidemia global da obesidade, diabetes e outras doenças crônicas que, na atualidade, não poupa se quer crianças e adolescentes (MONTEIRO; CASTRO, 2009, p. 56).

Os alimentos ultraprocessados são altamente prejudiciais à saúde pois apresentam níveis elevados de gordura, açúcar e sal. Ainda conforme os mesmos autores, além de apresentarem esses altos níveis,

Esses alimentos tendem a apresentar também alta densidade energética (grande quantidade de calorias por volume de alimento) e escassez de fibras, características que, comprovadamente aumentam o risco de obesidade, diabetes, doenças cardiovasculares e mesmo de certos tipos de câncer (MONTEIRO; CASTRO, 2009, p. 57).

Cabe destacar ainda a estratégia de marketing lançada para a população de menor poder aquisitivo dos países em desenvolvimento, a qual contribui para o maior comercialização, compra e consumo de alimentos ultraprocessados. Tal estratégia, como apontam os autores Monteiro e Castro (2009), incluem

[...] a fortificação com vitaminas e minerais de produtos como biscoitos, macarrão instantâneo, sopas desidratadas e bebidas lácteas, a comercialização desses alimentos em “embalagens econômicas” (por exemplo, pacotes de biscoitos com três ou quatro unidades), a criação de novos canais de comercialização (como a venda porta a porta ou centros comunitários) e a utilização de vendedores recrutados na própria comunidade (MONTEIRO; CASTRO, 2009, p. 58).

Por meio do evidenciado pode-se apreender que as grandes empresas investem pesado na publicidade dos produtos e está influência nas escolhas dos indivíduos, os quais são levados a consumirem cada vez mais esse tipo de alimento. No entanto, é imprescindível reafirmar que os produtos industrializados e ultraprocessados são altamente prejudiciais à saúde e podem desencadear o aparecimento de doenças crônicas, como a obesidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva adotada por este estudo a obesidade é uma das expressões da questão social na cena contemporânea. É uma doença crônica multifatorial que afeta a vida de milhares de pessoas em todo o mundo.

Sua emergência é oriunda das transformações iniciadas na década de 1970, com o processo de reestruturação produtiva do capital e do processo de modernização conservadora na agricultura, em que verificamos a consolidação das grandes empresas transnacionais no território brasileiro e com a mudança nas formas de produção e consumo de alimentos.

No cenário brasileiro vê-se continuamente o crescimento das indústrias de alimentos ultraprocessados, os quais são de fácil acesso e são altamente prejudiciais à saúde da população. Por isso é fundamental que a relação entre obesidade e produção de alimentos no Brasil seja problematizada e discutida, inclusive em pesquisas posteriores. Por fim, ressalta-se a importância da produção agroecológica em detrimento da produção com agrotóxicos.

## REFERÊNCIAS

SILVA, E. V. Obesidade e produção de alimentos no brasil: uma relação intrínseca?. *Revista Eletrônica Amplamente*, Natal/RN, v. 2, n. 1, p. 62-70, jan./mar. 2023. ISSN: 2965-0003.





AFIUNE, G. **Como as gigantes de ultraprocessados avançaram sobre o estômago do brasileiro.** Disponível em: <https://ojoioeotriggo.com.br/2020/04/como-as-gigantes-de-ultraprocessados-dominaram-o-estomago-do-brasileiro/>. Acesso em 15 de outubro de 2020.

BARROS, I. F. **Nas trilhas do crédito fundiário: a luta pela sobrevivência entre a terra e o assalariamento na agroindústria canavieira de Pernambuco.** 2014. 324 f. Tese (Doutorado) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

CARNEIRO, F. F. (Org.) **Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde / Organização de Fernando Ferreira Carneiro, Lia Giraldo da Silva Augusto, Raquel Maria Rigotto, Karen Friedrich e André Campos Búrigo.** - Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MONTEIRO, C.A; CASTRO, I. R. **Por que é necessário regulamentar a publicidade de alimentos.** Ciência e Cultura, São Paulo, v. 61, n. 4, p. 56-59, dez. 2009.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. **Alimentos y bebidas ultraprocessados en América Latina: ventas, fuentes, perfiles de nutrientes e implicaciones.** Washington, D.C.: OPS; 2019.

SILVA, E.V. **Atenção em saúde a pessoa com obesidade e doenças relacionadas: a experiência do Hospital Universitário Onofre Lopes. 2020.** 84f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Departamento de Serviço Social, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

SOUZA, L. R. **A modernização conservadora da agricultura brasileira, agricultura familiar, agroecologia e pluriatividade: diferentes óticas de entendimento e de construção do espaço rural brasileiro.** Cuad. Desarro. Rural, Colombia, v. 8, n. 67, p. 231-249, dez. 2011.

VARGAS, M. C.; SILVA, N. R. (org.). **De onde vem nossa comida.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

Data de submissão: 25/01/2023. Data de aceite: 28/01/2023. Data de publicação: 30/01/2023.